

AS LENDAS AMAZÔNICAS COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DA RAPSÓDIA MACUNAÍMA, DE MÁRIO DE ANDRADE

Dália Poliane Feitosa Farias ¹

Benilton Cruz Lobato ²

Resumo: O presente artigo busca expor a proposta metodológica do projeto intitulado: “As Lendas Amazônicas como fonte de inspiração para a constituição da rapsódia Macunaíma, de Mário de Andrade”. O referido projeto visa investigar a real contribuição da cultura oral amazônica para a constituição de Macunaíma, considerando como fator fundamental as narrativas orais que permeiam o imaginário amazônico, principalmente as do Baixo Tocantins. Neste aspecto, com base nos pressupostos teóricos de Ricoeur (1990), Pereira (2001), Hall (2006), Halbwachs (2006), Bardin (2009), Andrade (2013), Silva (2014) entre outros, analisaremos o objeto proposto através da abordagem qualitativa, adotando como método a pesquisa a Hermenêutica a ser desenvolvido através da Análise de Conteúdo e Entrevista semiestruturada.

Palavras-Chaves: Lendas. Macunaíma. Baixo Tocantins.

Introdução

Neste trabalho pretendemos desenvolver uma breve reflexão sobre a proposta metodológica do projeto de pesquisa intitulado “As Lendas Amazônicas como fonte de inspiração para a constituição da rapsódia Macunaíma, de Mário de Andrade”. Este projeto será desenvolvido pela linha Identidades, Linguagens, Práticas e Representações do Programa de Pós-Graduação em: Cidades, Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba.

Iniciamos o artigo com uma breve exposição do Projeto de Pesquisa, explicitando nosso problema de pesquisa, as possíveis hipóteses, o objetivo e algumas concepções importantes como a noção de Identidade, Território, Memória e Cultura imbricadas na abordagem deste estudo. Em seguida exporemos brevemente os aspectos da Ciência Moderna e a Crise Epistemológica, enfatizando o percurso histórico e social pelo qual percorreu a ciência desde o pensamento positivista até o

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação: Cidades, Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba. E-mail: dalia.poli@yahoo.com.br

² Orientador: Prof. Dr. Universidade Federal do Pará, Programa de e Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades. E-mail: beniltoncruz@uol.com.br

interdisciplinar. Por fim, apresentaremos a abordagem Qualitativa na qual se desenvolverá o projeto, o método de abordagem Hermenêutico, o tipo de pesquisa, que é a Análise de Conteúdo (a pesquisa bibliográfica) e o procedimento de coleta (pesquisa de campo) que é a entrevista Semiestruturada.

Contextualizando a Pesquisa

O Projeto de Pesquisa “As Lendas Amazônicas como fonte de inspiração para a constituição da rapsódia Macunaíma, de Mário de Andrade”, apresenta uma proposta de trabalho voltada para a temática: A Amazônia e o Modernismo brasileiro. Diante dos objetos de pesquisa propostos, verificamos que existem questões que precisam ser pensadas, entre elas: como as narrativas orais do Baixo Tocantins se relacionam com a rapsódia Andradina? Qual a importância das lendas amazônicas para a constituição de Macunaíma? Qual a contribuição das lendas amazônicas para o Modernismo brasileiro? Quais os fatores externos às lendas podem contribuir para o discurso de formação da cultura oral da Amazônia como expressão da modernidade do Modernismo brasileiro?

Trabalhamos como hipótese principal de que as lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira. Haja vista que a Amazônia é o cenário de representatividade e construto do Modernismo brasileiro. Desse modo, as lendas amazônicas são a expressão da modernidade na rapsódia Andradina. Como hipótese secundária, trabalhamos com aquela que concerne às narrativas orais do Baixo Tocantins. Pensamos que estas narrativas contribuem significativamente para a constituição da rapsódia Macunaíma de Mário de Andrade e no processo de valorização da cultura.

Mediante ao exposto, este projeto objetiva analisar a contribuição da cultura oral amazônica para a constituição da rapsódia³ “*Macunaíma, um herói sem nenhum*

³ Rapsódia – Gr. *rhapsoidía*, recitação de poemas. Designava, na Grécia antiga, a recitação de fragmentos de poemas* épicos, notadamente homéricos, pelos rapsodos, poetas ou declamadores ambulantes, que iam de cidade a cidade, propagando a *Iliada* e a *Odisseia*. (...) “rapsódia” equivale, nos domínios literários, a compilação, numa mesma obra, de temas ou assuntos heterogêneos e de vária origem (V. MISCELÂNEA). Macunaíma (1928), de Mário de Andrade, constitui a rapsódia das principais lendas afro-indígenas que compõem o substrato folclórico nacional. (Dicionário de Termos Literários A3 2013, p.389)

caráter”, mais especificamente as lendas do “Curupira” e “Boiúna”, considerando como fator fundamental as narrativas orais da região que permeiam o imaginário amazônico do Baixo Tocantins.

Nesta perspectiva, a abordagem deste estudo implica na discussão de algumas questões importantes como a noção de: Cultura, Identidade, Território e Memória. Situamos nossa pesquisa no imaginário da região amazônica, mais especificamente no lendário da região do Baixo Tocantins, porquanto, nossa definição de território se embasará na perspectiva simbólica postulada por Haesbaert (2004, p.40). Segundo ele, dentre as várias noções de território encontra-se a vertente simbólica - cultural.

[...] cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólica- cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

Dessa forma, o território é concebido através de uma perspectiva simbólica – cultural, representando assim a integração da sociedade com a natureza. Em outras palavras, o território simbólico – cultural da região do Baixo Tocantins, representa a integração, valorização/ apropriação dos indivíduos com a floresta, os rios, as cidades, ou seja, a relação que eles desenvolvem com o meio. Ante este conceito de território postulado pelo autor, conduziremos esta pesquisa a partir da análise da rapsódia e das lendas propostas como produto da apropriação/valorização construtora de território simbólico - cultural desta região, concebido por meio das narrativas orais.

Outra concepção imbricada à noção de Território refere-se às cidades situadas na região, neste estudo elas são essenciais, pois é nas cidades que o imaginário lendário se constrói. Lima (2008) acentua que, em geral, o padrão espacial das cidades amazônicas é dendrítico, ou seja, são conectadas com o mundo através dos rios. Entretanto, o autor adverte que este padrão não pode ser generalizado, pois existem cidades que são conectadas através das estradas. Desse modo, analisar o padrão espacial dessas cidades é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, já que as lendas propostas se desenrolam nesses espaços citadinos.

No que concerne a concepção de Cultura e Identidade, nos embasaremos naquilo que Stuart Hall (2006, p.23) denomina de “identidades culturais – aqueles aspectos que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais,

linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Diante deste conjunto de representação simbólica, focaremos nossa análise na identidade nacional, que é aquela que atua como “fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação”. Hall explicita que a concepção de cultura é formada pela identidade nacional que é uma “comunidade imaginada”, ou seja, uma identidade formada e transformada no interior de um sistema de representação cultural. Sobre a importância dessas “comunidades imaginadas” Silva (2014, p. 85) diz que “[...] é necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum”. É neste sentido que analisaremos a rapsódia, dando ênfase aos aspectos da identidade que caracterizam o herói (Macunaíma) como amazônico.

Partindo desse viés, abordaremos as lendas amazônicas propostas a partir das narrativas orais que ainda sobrevivem na memória coletiva da região do Baixo Tocantins. Para Jacques Le Goff (1990, p. 426) “[...] O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”. Portanto, ante o postulado pelo autor, para compreendermos o objeto de pesquisa proposto é essencial rememorarmos o imaginário amazônico a partir do olhar daqueles que habitam a região em questão. Acentuando a importância da memória coletiva, Maurice Halbwachs (2006, p.36) explicita que:

[...] A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis. e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Sendo assim, para o autor, a memória mesmo que individual permanece coletiva, pois na realidade nunca estamos sós, ou seja, é em meio às relações sociais que construímos nossas memórias. Dito de outra forma, nossas memórias se constroem por meio da memória coletiva, das coisas que nos cercam, do que percebemos, ouvimos e vemos, de toda memória dos diferentes grupos aos quais nos relacionamos. Daí que para ele, a memória coletiva “É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. (HALBWACHS 2006, p.56) É neste contexto que analisaremos as narrativas

orais do imaginário amazônico, considerando que estas memórias são essenciais para este estudo, já que contribuem para o sentimento de pertencimento do grupo, sendo assim, parte importante de sua identidade que se constrói a partir de um sistema simbólico.

Em síntese, analisaremos estes sistemas simbólicos de representações culturais que são vinculados ao imaginário lendário amazônico e que contribuem para a formação da identidade regional e que contribuíram para o construto da rapsódia Macunaíma.

Desta feita, ao investigarmos esses aspectos culturais e sociais imbricados na noção de Cultura, Identidade, Memória e Território, estamos adentrando a outros campos dos saberes, praticando assim, o que Hilton Japiassu (1975, p. 74) denomina como interdisciplinaridade. De acordo com o autor, é por meio dessa intensidade da troca e do grau de integração real em um projeto específico que ela se caracteriza. Para Gusdorf (1975, p.26) a “[...] exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para acolher as contribuições das outras disciplinas”. Em outras palavras, o cientista deve trabalhar de forma interdisciplinar e complementar com as outras áreas do conhecimento, ou seja, deve estar em busca de novos caminhos, lembrando sempre que a pesquisa científica é feita pelo e para o homem.

Em suma, pode-se dizer que o referido projeto apresenta uma proposta interdisciplinar ao buscar uma integração entre o objeto de estudo e outros campos de saberes. Podemos destacar também, como aspecto interdisciplinar para o programa ao qual este estudo se destina a sua relevância para o campo literário, que está na possibilidade de compreender a contribuição da cultura oral amazônica para a constituição de Macunaíma, considerando como fator fundamental as narrativas orais que permeiam o imaginário amazônico, principalmente as do Baixo Tocantins. Para o campo acadêmico, esta pesquisa contribuirá teoricamente para o fortalecimento das investigações sobre cultura oral amazônica e também sua relevância histórico-social, pois se trata de uma oportunidade de coletar e refletir as narrativas orais a partir do olhar de quem estar inserido dentro da região do Baixo Tocantins.

A Ciência Moderna e a Crise Epistemológica

A Ciência é uma construção social e histórica. Neste aspecto o que conhecemos como Ciência Moderna, teve início com o movimento científico nos séculos XVI e XVII, que surgiu a partir de movimentos como o nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI que colocou o homem no centro das coisas e o Iluminismo do século XVII, que apresentou uma imagem do sujeito mais centrado, racional e científico. Este estado foi fundamental para a ruptura com o passado e para a mudança da perspectiva do conhecimento, que era voltado para a natureza e passou a centrar-se no ser humano. Destacam-se entre os principais propulsores deste período científico Galileu Galilei, que foi considerado o fundador do método experimental, René Descartes que foi considerado o “pai da filosofia moderna”, John Locke, entre outros, que contribuíram para uma revolução científica que culminou com a mudança da concepção Teocêntrica para a Antropocêntrica.

Diante desse estado de acontecimentos até meados do século XIX, a ciência moderna se embasava na razão científica em busca da verdade. Norteadas pelo pensamento positivista de que o homem é o centro do universo e para onde tudo converge, ela passou a ser criticada por não ser “adequada” aos estudos das Ciências Humanas e Sociais, assim como acentua Japiassu (1975, p. 180) “o atraso epistemológico das ciências humanas pode ser explicado pela ausência de um método que lhes permitissem atingir um máximo de objetividade sem anular por completo a intervenção de valorizações de interesses ideológicos ou pressupostos filosóficos”. Esse estado de insatisfação culminou com a crise epistemológica do século XX, que de acordo com Kuhn (2006) é a pré-condição para que ocorra uma revolução científica, já que é por meio da crise paradigmática que se busca a concepção de um novo paradigma.

Sendo assim, em meio a essa crise epistemológica, era necessário uma transformação que preenchesse as lacunas deixadas pelo método vigente e atendesse aos questionamentos por meio de uma nova metodologia adequada para as ciências humanas. A essa transformação/mudança de paradigma, Tomaz Kuhn (2006) denomina de ciência extraordinária, que é o momento em que se desenvolve um novo paradigma para atender os fenômenos que estão sendo observados, ou seja, o momento em que toda a comunidade científica está criando hipóteses de investigação

para a criação de um novo quadro referencial. Por fim, para que as anomalias da crise epistemológica sejam sanadas, faz-se necessário a transição de um paradigma para o outro ou a imersão de um novo paradigma.

Portanto, é a partir desse embasamento histórico e social científico que esta pesquisa se desenvolverá, considerando o importante percurso feito pela ciência desde o pensamento positivista à crise epistemológica. Neste sentido, partiremos dos questionamentos epistemológicos inerentes a pesquisa, utilizando métodos e técnicas específicas que validem estes questionamentos e atendam ao fenômeno proposto.

Desenvolvimento do método

Tendo em vista o objeto de estudo proposto, isto é, a análise e interpretação da rapsódia Macunaíma, este projeto se embasará na abordagem Qualitativa de pesquisa. Esta abordagem foi escolhida porque permite uma aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa. Em outras palavras, será possível um aprofundamento no foco da pesquisa, para que possamos revelar/ interpretar a essência do fenômeno que se dá entre a rapsódia e a narrativas orais do lendário amazônico do Baixo Tocantins. Portanto, a escolha por essa abordagem justifica-se em decorrência de que “todas as ciências, até mesmo as mais abstratas ou as mais materiais, são ciências do homem”. (GUSDORF 1975, p. 26) Logo, se faz necessário que a pesquisa em Ciências Humanas se desenvolva numa relação dinâmica entre o sujeito e o objeto.

Para Antônio Chizzoti (2003, p.79) “A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o objetivo e a subjetividade do sujeito”. Portanto, é nessa dinâmica da relação sujeito – objeto (estudo literário e estudo culturais), objetivo – subjetividade do sujeito (lendário amazônico e memória coletiva), enfatizada pelo autor, que este estudo se desenvolverá.

Partindo do pressuposto de que a pesquisa em ciências humanas visa a compreensão de um determinado fenômeno, diante da proposta deste projeto utilizaremos como método de abordagem a Hermenêutica. De acordo com o Dicionário de Termos Literários A3 (2013, p.223):

Hermenêutica – Gr. *hermeneutikós*, hermenêutico, relativo à interpretação*, derivado de *hermeneus*, intérprete (Coraminas s.v.), de Hermes, figura mitológica que interpretava textos crípticos enviados pelos deuses aos mortais. Vinculada inextricavelmente com a interpretação, a Hermenêutica ocupa-se com as questões teóricas, razão por que se tornou quase exclusiva dos filósofos ou dos teóricos literários que buscam na filosofia o suporte para as suas indagações e convicções visando a uma “abordagem mais adequada da interpretação literária”.

Pela etimologia da palavra a Hermenêutica visa a interpretação de textos, constituída por alguns filósofos, ela se ocupa de questões teóricas filosóficas e literárias, passando assim, por fases importantes. A princípio ligava-se a Hermes e mais adiante a explanação de textos bíblicos no período do Renascimento, no qual a interpretação do texto buscava apoio na filologia e na exegese bíblica. Este contexto mudou a partir da Modernidade, no final do século XIX, pois alguns estudiosos buscaram libertá-la desses dogmas como Fredrich Schleiermacher (1768-1834), para quem a Hermenêutica era compreendida como a “arte do entendimento”, ou seja, a compreensão ultrapassa os limites do texto, visando também o seu autor. O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), por sua vez, ampliou ainda mais o horizonte da Hermenêutica ao acrescentar outros aspectos como a experiência e a expressão. “[...] A obra de Dilthey, mais ainda que a de Schleiermacher, elucida a aporia central de uma hermenêutica que situa a compreensão do texto sob a lei da compreensão de outrem que nele se exprime”. (RICOUER 1990, p 28)

Neste viés ambos buscaram construir uma Hermenêutica que pudesse ser aplicada aos textos em geral, considerando aspectos importantes como as motivações do autor (a), o contexto histórico no qual a obra foi escrita, entre outros. Posterior a Dilthey, outros teóricos como Martin Heidegger (1889-1976), autor de “O Ser o Tempo” (1927), “A Caminho da Linguagem”, (1959) e Hans-Georg Gadamer, autor de “Verdade e Método” (1960), enriqueceram a história da Hermenêutica ao refletirem sobre os problemas imbricados à teoria da interpretação.

Por fim chegamos à contribuição de Paul Ricoeur (1990). Para ele, a Hermenêutica como método de abordagem Interpretativo, baseia-se na descoberta do mundo da obra, sendo assim, um sistema de interpretação que tem a função de interpretar e explicar os sentidos que foram produzidos por meio da linguagem. Assim como acentua Hilton Japiassu (1990, p.4) ao abordar a proposta do autor: “[...] a

hermenêutica visa a uma decifração dos comportamentos simbólicos do homem, a um trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente”. Sendo assim, a interpretação visa decifrar o sentido oculto, o simbólico, ou seja, a dupla interpretação da linguagem. Para Ricoeur o domínio da Hermenêutica é a própria interpretação simbólica. Seguindo este viés a interpretação se ressignifica: “[...] interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto”. (RICOUER, 1990, p. 56). Dito isso, o autor direciona a Hermenêutica como a busca pela interpretação do simbólico, do oculto, do que ainda não foi dito, mas que existe no texto ou no exterior a ele no próprio existir. Colocado de outra forma, a interpretação objetiva trazer às claras os sentidos ocultos, conscientizá-los e refletir sobre eles. Neste aspecto, uma pesquisa embasada nesse método pretende investigar, por meio da interpretação, o que ainda não foi dito e que existe em um determinado fenômeno no próprio texto ou para além dele.

Neste sentido, este método será desenvolvido pela Análise do Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2009), que consiste em três fases: pré-análise, que é a organização do material da análise; a exploração do material, que é a própria análise; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação do momento em que são validados os resultados obtidos. Com base no método, partimos da análise da obra para pesquisa de campo com intuito de fazer um contraponto entre as lendas da rapsódia Macunaíma e as narrativas orais do imaginário amazônico, estabelecendo assim, uma relação dialética entre o passado e o presente. Desse modo, interpretaremos, conceituaremos, descreveremos e caracterizaremos a obra Andradina Macunaíma e a partir dela analisaremos as lendas do Curupira e da Boiúna, que compõem o imaginário amazônico.

Mediante a proposta deste projeto, faremos inicialmente a Análise de Conteúdo, que consiste na interpretação da obra Macunaíma a partir dos pressupostos dos teóricos arrolados na pesquisa, na análise das lendas o Curupira e a Boiúna e de alguns conceitos imbricados neste estudo como a noção de Identidade, Cultura, Memória e Território. A próxima etapa consiste na pesquisa de campo. Utilizaremos como procedimentos de coleta a entrevista semi-estruturada, para coletar as narrativas orais referentes às lendas postuladas, com intuito de compreender como estas se inserem no construto da rapsódia, ou seja, do próprio personagem, o Macunaíma amazônico.

A entrevista Semi-Estruturada consiste em perguntas abertas e fechadas, a serem conduzidas pelo entrevistador. Portando um conjunto de questões previamente definidas, o pesquisador deverá ficar atento para dirigir no momento em que achar oportuno, com intuito de conduzir o texto da entrevista, caso o entrevistado fuja ao tema ou apresente dificuldades com ele. Tal como explicita Antônio Chizzotti (2003, p.93)

[...] o entrevistador deve manter-se na escuta ativa e com a atenção receptiva a todas as informações prestadas, quaisquer que sejam elas, intervindo com discretas interrogações de conteúdo ou com sugestões que estimulem a expressão mais circunstanciada de questões que interessem a pesquisa. A atitude disponível à comunicação, a confiança manifesta nas formas e escolhas de um diálogo descontraído devem deixar o informante livre para exprimir-se, sem receios.

Deste modo, a entrevista Semi-Estruturada proporciona a interação entre o entrevistador e entrevistado, fazendo com que surjam respostas espontâneas que serão de grande utilidade para a pesquisa, uma vez que buscamos fazer um contraponto entre obra literária e as narrativas orais. Neste contexto, nossa pesquisa de campo se situará nas cidades de: Abaetetuba, Barcarena e Cametá. Estas cidades configuram-se como diferentes em termos territoriais, populacionais, econômicos, entre outros aspectos que serão devidamente arrolados a esta pesquisa. Entretanto, no que concerne ao aspecto das Identidades Culturais, elas versam pelo viés do imaginário amazônico. Desta feita, analisaremos na memória coletiva das cidades em questão a contribuição das lendas selecionadas para o construto da rapsódia.

Neste íterim, partindo do pressuposto que a pesquisa científica é uma atividade que busca o esclarecimento de um problema, fenômeno ou descobertas, utilizaremos algumas estratégias para o desenvolvimento da técnica de coleta. Primeiramente selecionaremos as perguntas a serem feitas, com intuito de deixar o entrevistado (a) à vontade para discorrer sobre as lendas em questão e optaremos por perguntas básicas do tipo: você conhece a lenda do Curupira? Você conhece a lenda da Cobra Grande (Boiúna)? Em seguida, definiremos a técnica empregada na captação dos depoimentos. Para este estudo faremos uso do aparelho móvel (celular) para gravar os discursos e depois faremos transcrição para um relatório, para que nenhum ponto importante deixe de ser analisado. Dando prosseguimento, a próxima etapa consiste em selecionar os possíveis entrevistados (as). Esta etapa é crucial, pois precisamos de um número considerável de pessoas para colhermos depoimentos

diversos sobre o objeto de estudo. Nestes termos, usaremos o seguinte critério: idade, lucidez e representatividade de diferentes segmentos sociais. Feito isto, definiremos local e horário com os entrevistados, assim como também os procedimentos legais, como a carta de cessão de direitos, documento necessário para o procedimento técnico da entrevista Semi-Estruturada.

Nos Caminhos da conclusão

Neste artigo buscou-se expor o percurso metodológico pelo qual esta pesquisa será desenvolvida, tendo em vista o objeto de estudo que norteia este projeto, faz-se necessário uma breve apresentação da obra e as lendas que iremos analisar nesse estudo.

A rapsódia “*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*”, de Mario de Andrade, constitui-se como um marco do Modernismo e da literatura brasileira em geral. Desde seu lançamento na década de vinte, a obra em questão foi alvo de censuras por críticos literários e o público leitor, devido ao seu teor, ousadia e pluralidade linguística, pois, trata-se de um livro revolucionário, que ainda hoje continua atual, já que abordou questões relevantes para época e fundamentais para os dias de hoje, como a formação da identidade nacional e a diversidade cultural. Neste aspecto, a rapsódia buscou a valorização da cultura nacional por meio de temas que expressam a brasilidade, como as lendas e mitos folclóricos e a linguagem coloquial que se aproxima muito da oralidade, expressa na obra por meio de provérbios que representam toda região do território nacional e aproxima a escrita ao modo de falar do povo brasileiro.

Sendo assim, Macunaíma como obra completa que é, conseguiu abranger todas as regiões do país ao reunir do folclore brasileiro lendas e mitos, inclusive da região amazônica. Usando diferentes estilos narrativos, Mário de Andrade permeou a narrativa com uma mescla de mitos e lendas indígenas do imaginário amazônico. Entre as lendas podemos destacar: “O Curupira”, a lenda do “Guaraná”, “Icamiabas”, entre outras. Dentre as várias lendas que compõe a rapsódia, divididas em dezessete capítulos, selecionamos as lendas da “Boiúna” e “O Curupira” como objeto de pesquisa. As lendas selecionadas apresentam um cenário de valorização da cultura nacional por meio do índio, da natureza, da linguagem, costumes, religião, entre

outros. Além disso, podemos citar como fator relevante a crítica representada pelo processo de antropofagia da cultura estrangeira.

“O Curupira” é considerado um protetor da floresta amazônica que castiga os caçadores maus que caçam por prazer, matando as fêmeas prenhas e os filhotes indefesos, mas para os caçadores que matam a caça, apenas para seu sustento e alimentação, ele torna-se o protetor. Há várias versões sobre sua aparência física. Em algumas delas ele possui pelos, dentes verdes e os calcanhares voltados para frente e os dedos dos pés para trás. “As descrições físicas são díspares e confusas: numa o Curupira aparece de "acanga piroka" - cabeça careca - noutra é coxo e unípede’. (PEREIRA, 2001, p. 40-41).

No que tange a sua personalidade, assim como suas características físicas, há várias versões. Como protetor da floresta, o Curupira possui seu lado bom e lado mau, “ele é uma falange de tapuios machos e fêmeas, "uma multidão de espíritos”, uma legião de seres ou espíritos com uma finalidade única, determinada e exclusiva, que é a proteção ao animal selvagem e árvores de grande porte. Para Machado (1987, p.41) “[...] o curupira arranca de suas vítimas os dentes para ornamentar o seu colar, confeccionados de ossos e dentes humanos”.

Assim como a lenda do “Curupira”, a lenda da “Boiúna” ou “Cobra Grande”, apresenta várias versões dentro do imaginário amazônico, dando origem a outros contos e crenças da região. Em uma das versões a Cobra Grande atrai os pescadores e os devora, tal como postula Pereira (2001, p.72)

O mito da Boiúna fala de uma descomunal serpente que vive no fundo de grandes lagos, rios e igarapés, num lugar chamado de "boiaçuquara" ou "morada da cobra grande". Seu corpo lustroso, refletindo a luz do luar, ou seus olhos que brilham no escuro como archotes iludem os pescadores incautos que, pensando tratar-se de um navio ou um "loydinho", aproximam-se e são devorados.

Outras versões da narrativa discorrem sobre dois irmãos gêmeos, Maria e Honorato. Em uma dessas versões eles são filhos de uma índia grávida da Boiúna, que para se livrar dos filhos, assim que dá a luz joga-os no rio. Na outra versão, os gêmeos são filhos do Boto, que foram pegos pela mãe-da-água que os encantou, transformando-os em cobras. Os irmãos se criaram no rio, Honorato não fazia mal, mas Maria era perversa, afundava as embarcações e fazia maldades contra outros animais e pessoas. Por causa das suas maldades Honorato mata sua irmã em uma

luta. Como diz Serafim Antônio (2001, p.57) “a luta foi renhida durante muitas e muitas horas, mas enfim, Honorato conseguiu matar a fera e livrar-se da fúria da endiabrada Maria.”

Em algumas noites de luar ele perdia o seu encanto e podia viver como homem na Terra, este fato em uma das versões é atribuído pelo fato de ser filho do Boto. Entretanto, para que o encanto fosse quebrado, era preciso que alguém tivesse muita coragem para derramar leite na boca da enorme cobra, fazendo assim um ferimento na cabeça até sangrar, mas ninguém tinha coragem de enfrentar o monstro. Até que um dia um soldado do município de Cametá conseguiu libertar Honorato do terrível encanto.

Como já explicitado acima, na rapsódia Macunaíma as lendas selecionadas foram mescladas com outras narrativas, provérbios populares, credices de todo o território nacional, além das lendas criadas pelo próprio autor. Outra atenuante importante diz respeito às várias versões que estas lendas apresentam dentro do imaginário amazônico, fato este que explicita a modernidade imbuída na obra analisada.

Neste viés, diante da magnitude da obra, colher e analisar estas versões lendárias que ainda sobrevivem na memória da região do Baixo Tocantins é essencial para a preservação da cultura regional, e principalmente para o campo literário, uma vez que esta pesquisa busca averiguar a contribuição destas narrativas orais para o construto da rapsódia Macunaíma. Assim, a metodologia descrita nesse artigo propõe-se à análise e interpretação desse objeto de pesquisa a partir dos pressupostos de Kuhn, Japiassu, Gusdorf, Stuart Hall, Haesbaert, Antônio Chizzoti, Paul Ricouer, Laurence Bardin, entre outros, que nos possibilitam o entendimento a respeito da história da ciência e sobre os métodos que o pesquisador deve percorrer para fazer ciência.

Referências

ANDRADE, Mário. **“Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BERRIEL, Carlos Eduardo. (org.). **“Mario de Andrade hoje”**. São Paulo: Ensaio, 1990.

BARDIN, L. **“Análise do Conteúdo”**. Lisboa, Portugal; Edições 70,LDA, 2009.

CASCUDO. Câmara. **“Dicionário do folclore brasileiro”**. 10. Ed. São Paulo: Global, 2001.

COSTA, Jairo. **“Amazônia Fantástica: os mais extraordinários mitos, lendas e mistérios da grande floresta”**. São Paulo: Bamboo Editorial. 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GUSDORF, G. *Prefácio*. JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imagino, 1976.

HAESBAERT. Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. pp. 35 a 98.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós – Modernidade**. 11º. ed. Rio de Janeiro: DP&A.2006.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Editora Vozes: 12ª Ed.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva/** Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imagino, 1976.

JAPIASSU, H. *prefácio*. RICOEUR, Paul **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1990

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

KUPSTAS, Márcia. **“Literatura, arte e cultura”**. São Paulo: Ática, 1988.

LE GOFF, J. **História e Memória**. / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LIMA, M. C. **A Cidade, O urbano e o rio na Amazônia**. Revista ACTA Geográfica, ANO II, n.3, jan/jun. de 2008. pp.107-117.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **“Nos caminhos do texto”**. In: Mário de Andrade. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. São Paulo: ALLCA XX, 1996. p.XXV-XXVI.

MACHADO, Abmael. **“Pequeno ensaio sobre as lendas e folclore de Rondônia”**, 1987.

MOISÉS, Massuad. **Dicionário de Termos Literários**. 23°. Ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

PEREIRA, Franz Kreüther. **“Painel de Lendas e Mitos da Amazônia”**. Belém. 1994.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **“Roteiro de Macunaíma”**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

SERAFIM, Antônio. **“O broto e o boto”**. Ji- Paraná: ABG, 2001.

SOUZA, Anervina. **“As Lendas Amazônicas em Sala de Aula: Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural”**. Manaus: Editora Valer, 2011.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**; organização, tradução e apresentação de Milton Japiassu. Rio de Janeiro, F. Alves, 1990.